

Como me fui tornando Educador Social: reflexividade, redescoberta de si e (trans)formações pessoais e profissionais

Ana Maria Vieira & Ricardo Vieira

Resumo:

Este texto dá conta de como a Pedagogia Social se foi tornando fundamental numa intervenção social que seja socioeducativa e mediadora. Investe, finalmente, no modo como se faz a aprendizagem da Pedagogia Social, do ponto de vista do aprendente, ou de como se constrói a identidade profissional dum Educador Social. Com uma metodologia biográfico-narrativa, recolhem-se vozes de recém-licenciados em Educação Social, para tentar compreender como veem a articulação teoria-práxis no processo formativo no ensino superior, que sentido teórico e prático têm da profissão passados três anos de formação superior e como refletem sobre as suas motivações e predisposições para a mesma. Foram levados a pensar nas suas transformações identitárias e profissionais: quem eu era e como eu era no início do curso? Em quem me transformei durante e após o curso em termos pessoais e técnico-profissionais? O que mudou em mim com a formação em Educação Social? A análise comparativa de quatro casos biográficos mostra uma heterogeneidade de narrativas face às representações sociais sobre o trabalho do educador social e alguma fragilidade no definir o campo, bem como de o distinguir de outros no âmbito da intervenção social. Os autores concluem, também, que três anos são pouco tempo para construir uma identidade profissional tão compósita e abrangente.

Palavras-chave:

Pedagogia Social/Educação Social; Incidentes críticos; Reflexividade; Identidade profissional

How I became a Social Educator: reflexivity, rediscovery of oneself and personal and professional (trans)formations

Abstract: This text shows how Social Pedagogy has become fundamental in a social intervention that is both socio-educational and mediating. Finally, it invests in the way Social Pedagogy is learned, from the learner's point of view, or how the professional identity of a Social Educator is constructed. With a biographical-narrative methodology, the voices of recent graduates in Social Education are collected, in order to try to understand how they see the theory-praxis articulation in the formative process in higher education, what theoretical and practical meaning the profession has after three years of higher education and how they reflect on their motivations and predispositions towards it. They were led to think about their identity and professional transformations: who was I and how was I at the beginning of the course? Who did I become during and after the course in personal and technical-professional terms? What has changed in me with training in Social Education? The comparative analysis of four biographical cases shows a heterogeneity of narratives in the face of social representations about the social educator's work and some weakness in defining the field as well as distinguishing it from others in the context of social intervention. The authors also conclude that three years is not enough time to build such a composite and comprehensive professional identity.

Keywords: Social Pedagogy/Social Education; Critical incidents; Reflexivity; Professional identity

Comment je suis devenu éducateur social : réflexivité, redécouverte de soi et (trans)formations personnelles et professionnelles

Sommaire : Ce texte montre comment la Pédagogie Sociale est devenue fondamentale dans une intervention sociale à la fois socio-éducative et médiatrice. Enfin, il investit dans la manière dont la pédagogie sociale est apprise, du point de vue de l'apprenant, ou la manière dont l'identité professionnelle d'un éducateur social est construite. Avec une méthodologie biographique-narrative, les voix de récents diplômés en éducation sociale sont recueillies, afin d'essayer de comprendre comment ils voient l'articulation théorie-praxie dans le processus de formation dans l'enseignement supérieur, quel sens théorique et pratique la profession a après trois années d'études supérieures et comment ils réfléchissent à leurs motivations et à leurs prédispositions à cet égard. Ils ont été amenés à réfléchir sur leur identité et leurs transformations professionnelles : qui étais-je et comment étais-je au début du cursus ? Qui suis-je devenu pendant et après le cours sur le plan personnel et technico-professionnel ? Qu'est-ce qui a changé en moi avec la formation en Education Sociale ? L'analyse comparative de quatre cas biographiques montre une hétérogénéité des récits face aux représentations sociales sur le travail de l'éducateur social et une certaine fragilité dans la définition du champ ainsi que dans sa distinction des autres dans le cadre de l'intervention sociale. Les auteurs concluent également que trois ans ne suffisent pas pour construire une identité professionnelle aussi composite et complète.

Mots-clés : Pédagogie Sociale/Éducation Sociale ; Incidents critiques; Réflexivité; Identité professionnelle

Cómo me convertí en Educador Social: reflexividad, redescubrimiento de uno mismo y (trans)formaciones personales y profesionales

Resumen: Este texto muestra cómo la Pedagogía Social se ha convertido en fundamental en una intervención social a la vez socioeducativa y mediadora. Por último, invierte en cómo se aprende la Pedagogía Social, desde el punto de vista del aprendiz, o cómo se construye la identidad profesional de un Educador Social. Con una metodología biográfico-narrativa, se recogen las voces de los recién graduados en Educación Social, con el fin de tratar de comprender cómo ven la articulación teoría-praxis en el proceso formativo en la educación superior, qué sentido teórico y práctico tiene la profesión después de tres años. años de educación superior y cómo reflexionan sobre sus motivaciones y predisposiciones hacia ella. Se les llevó a reflexionar sobre su identidad y transformaciones profesionales: ¿quién era yo y cómo era al inicio del curso? ¿En quién me convertí durante y después del curso en términos personales y técnico-profesionales? ¿Qué ha cambiado en mí con la formación en Educación Social? El análisis comparativo de cuatro casos biográficos muestra una heterogeneidad de narrativas frente a las representaciones sociales sobre el trabajo del educador social y cierta fragilidad a la hora de definir el campo así como distinguirlo de otros en el contexto de la intervención social. Los autores también concluyen que tres años no es tiempo suficiente para construir una identidad profesional tan compuesta y completa.

Palabras llave: Pedagogía Social/Educación Social; Incidentes críticos; Reflexividad; Identidad profesional

Introdução

Da problemática

Pede-se hoje ao professor que seja amigo dos alunos, que os apoie no seu desenvolvimento e que seja capaz de “adotar o papel de juiz que é contraditório com o anterior. [...] Exige-se, ainda, do professor que se ocupe do desenvolvimento individual de cada aluno facilitando ao aparecimento e desenvolvimento da sua autonomia [...]” (Esteve, 1992, p. 38). Também António Nóvoa sublinha que “estamos diante de uma transição fundamental dos processos identitários dos docentes” (2008, p. 230) ao frisar o excesso de funções que são, hoje, pedidas ao professor, “levando à valorização de um conjunto de competências profissionais que poderão ser sintetizadas sobre as formas “saber relacionar e saber relacionar-se”. O “novo” espaço público da educação solicita os docentes para uma intervenção técnica, mas, também para uma intervenção política, para uma intervenção nos debates sociais e culturais, para um trabalho contínuo com as comunidades” (Nóvoa, 2008, p. 229). Tanto o papel social desempenhar pela escola e, particularmente, pelos professores, por vezes, com funções mais próximas da intervenção social e socioeducativa do que propriamente da pedagogia escolar leva, quer à desmotivação de alguns docentes, quer ao esforço e voluntariedade de outros para abraçar uma função que parece ser de «pau para toda a colher» (Vieira, 2012). É assim que se abre, também na escola, um espaço para a Pedagogia Social e para os Educadores Sociais em concreto, como já acontece em centenas de escolas portuguesas. Por isso, Ana Vieira (2013, p. 59) perguntava “como gerir a diferenças social e cultural na escola? Só com professores? Com ou sem educadores sociais e outros profissionais sociais de trabalho social na escola?” Sabe-se, hoje, que a Pedagogia Social já estava nas escolas e que os educadores sociais integram equipas multidisciplinares em GAAF (Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família) e em centenas de TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária) (Caride, 2005; Vieira & Vieira, 2016).

Habitualmente, a Pedagogia Social é considerada uma Ciência da Educação trabalhando com particular enfoque nos contextos exteriores à escola, de modo holístico, num misto das Ciências Sociais com as Ciências da Educação. Mas como a cultura e a vida social não podem ser separadas, a Pedagogia Social começa a ser legitimada curricularmente e na intervenção socioeducativa, nos contextos escolares.

Mas como se formam esses profissionais? Para Carreras e Molina (2006) essa formação para o mundo do trabalho deve ocorrer em instituições com legitimidade para pensar e desenhar atividades docentes e métodos de avaliação, como é o caso das universidades treinadas na planificação de objetivos, conteúdos, métodos, técnicas de ensino-aprendizagem. Mas será essa formação suficiente para unir a prática e a teoria a que estão obrigadas a Pedagogia e a Educação Social? Serão três anos de

formação suficientes para fornecer todo um corpo teórico básico à Pedagogia Social e à Educação Social, a par do contacto com os vários terrenos de intervenção onde, vulgarmente, os estudantes fazem estágio? Veremos, adiante, como as narrativas dos estudantes não são pródigas em mostrar muitas competências inerentes à prática da Educação Social. Provavelmente, a formação para este domínio profissional deverá apostar na abertura de portas não só para o desenvolvimento da sensibilidade para o trabalho socioeducativo, que deve partir do conhecimento do outro, da aceitação de cada pessoa e da sua escuta ativa, mas, também, numa sensibilização para uma aprendizagem ao longo da vida e uma reflexão sobre trabalho de campo constante com os mais diversos públicos e âmbitos com que trabalha a Educação Social.

Pensando a formação do Educador Social, Capul e Lemay (2003, p. 95) referem que,

Uns insistem no comprometimento pessoal e nas “qualidades do coração”; as outras querem caraterizar uma metodologia de comunicação que, para além das qualidades necessárias, permite desembocar no estatuto de “prático da relação” [...].

Praticar Pedagogia Social ou ser profissional da Educação Social não se trata, portanto, de simples vocação ou mesmo sentido de militância e de vontade de mudar o mundo. É preciso conhecimento e prática alimentada pelo mesmo, e vice-versa. É preciso,

[...] uma “síntesis” e “síncresis” conceptual e epistemológica de la Educación/ Pedagogia Social que nos imprima más fundamentación y basamento, para que la conexión y relación surja más fluida e com visos de progresso futuro compartido. [...] La epistemología puede y debe también partir del análisis de la praxis, de las prácticas concretas. La Educación Social es un campo plural de investigación y intervención [...] (Ortega, 2021, pp. 9-10)

E como refere Isabel Baptista:

Para tal, precisamos de construir respostas socioeducativas adequadas, mais complexas e mais criativas, num esforço que, transcendendo amplamente as questões de ordem metodológica, apelem à mobilização de aptidões próprias de um pensamento relacional, sensível e problematizador. Justamente, o tipo de pensamento que caracteriza a Pedagogia Social enquanto saber educacional intrinsecamente inovador. (2021, pp. 59-60)

De modo semelhante, José Antóno Caride reivindica o necessário diálogo educação-sociedade ou, por outras palavras, entre a dimensão social da educação e a missão educativa da sociedade:

Hoy como ayer, es preciso confiar em que buena parte de las opciones teóricas, metodológicas y prácticas, de la formación y la investigación, del conocimiento y de su transferencia em la Pedagogia Social y la Educación Social difícilmente podrán entenderse sin que situemos em ellas las sinergias que se generan em el diálogo educación-sociedade. (2021, p. 82)

Vemos, assim, que a formação no domínio científico da Pedagogia Social e do exercício da Pedagogia Social como profissão, implica vários diálogos, designadamente, entre a teoria e a praxis e entre o domínio social e o domínio educativo, o que não é, de todo, simples de operar numa formação de três anos como é aquela que ocorre em Portugal, no seguimento do Processo de Bolonha.

Dos objetivos

Este texto decorre duma investigação em curso no âmbito do projeto «Educadores sociais em Portugal: quem são, onde estão e o que fazem? Identidades e Transformações». Com este projeto pretendemos: Aprofundar os estudos sobre a emergência da profissão do Educação Social em Portugal; Compreender a construção do profissional da Educação Social nas várias instituições de Ensino Superior; Caracterizar os profissionais de Educação Social em termos de idade, género, experiência profissional e áreas de intervenção; Mapear os locais de trabalho onde atuam os educadores sociais; Identificar redes de colaboração entre educadores sociais e outros profissionais do trabalho social; Compreender as ligações entre as trajetórias sociais e as motivações para a Educação Social; Compreender a influência do ensino superior e o peso do currículo oculto na construção do educador social.

Nesta publicação, procuramos, com alguns dos dados já recolhidos no âmbito deste projeto, responder ao *call* da Revista Lusófona de Educação, Identidades e Desafios da Educação Social e, particularmente, ao tema, Educação Social: Profissão ou militância?

Segundo Fustier (1972, p. 25), a função do Educador Social apoia-se no “amor-vocação para uns, profissão-tecnicidade, para outros”. Na análise das narrativas que nos servem de dados empíricos neste texto, avaliaremos da importância e do relevo de cada um destes dois eixos nos três casos biográficos que apresentaremos.

Como surgiu o gosto pela Educação Social? Que dizem as narrativas dos estudantes finalistas da Educação Social que exploraremos adiante?

O que está em jogo neste conhecimento de si não é pois apenas compreender como nos formamos ao longo da nossa vida através de um conjunto de experiências, mas sim tomar consciência que este reconhecimento de nós próprios como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto-orientação possível que articula de uma forma mais consciente as nossas heranças, as nossas experiências formadoras, os nossos sentimentos de pertença, as nossas valorizações, os nossos desejos e o nosso imaginário nas oportunidades socioculturais que soubermos agarrar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade. (Josso, 2002, p. 65)

Creemos que este trabalho de investigação que recorre a metodologias biográficas e diarísticas não só permite descobrir o ponto de vista dos sujeitos estudados, o que é a aprendizagem dum profissão do seu ponto de vista, mas também, simultaneamente, gerar uma tomada de consciência nos mesmos sobre quem foram, quem são e quem querem ser, levando a uma maior consciência não só da sua incompletude pessoal e profissional bem como do que importa fazer para que o processo de vida se torne num constante processo de aprendizagem (Vieira, 1999).

Dos aspetos metodológicos

A metodologia do projeto de onde surge este texto é ampla e compósita. Para além da aplicação de um inquérito por questionário às escolas onde há formação de educadores sociais, a metodologia específica conducente a esta publicação, assenta, essencialmente, no método biográfico-narrativo (Lopes, 2001) e nas histórias de vida e formação (Josso, 2002; Nóvoa, 2002; Vieira, 1999).

Foi pedida uma reflexão biográfica aos Educadores Sociais, numa Escola Superior de Educação, como ensaio inicial para se vir depois a generalizar a outras escolas, no início e final da trajetória académica.

Nesta publicação, por razões de economia de escrita, exploramos apenas as narrativas de quatro casos biográficos, produzidas no final da licenciatura em Educação Social. Foi pedido aos estudantes que pensassem no «eu profissional de hoje: quem eu era e no que me tornei ao estudar educação social».

Foram listados alguns tópicos orientadores da reflexão: De onde vem a minha motivação e predisposição para a área? Quem eu era e como eu era no início do curso? Em quem me transformei durante e após o curso em termos pessoais e técnico-profissionais? O que mudou em mim com a formação em Educação Social?

Resultados

1. No acesso ao ensino superior, a segunda escolha da Maria ¹ veio a tornar-se significativa e reveladora duma porta profissional anteriormente desconhecida

A Maria queria ser professora do ensino Básico. Contudo, como já tinha estudado num CTeSP da área da intervenção social (Curso Técnico Superior Profissional), a ambivalência vivida aquando da saída dos resultados da colocação no ensino superior foi facilmente ultrapassada e começou um caminho de identificação com uma outra via de ingresso na Educação: a Educação Social. Maria resolveu aceitar e prosseguir esses estudos. Ao fim de três anos, quando é colocada a refletir sobre essas encruzilhadas do projeto futuro (Vieira, 1999), recorda essas dúvidas e incidentes críticos como formadores da sua cidadania e identidade pessoal e profissional (Kaufmann, 2003; Josso, 2002; Vieira, 1999).

Efetivamente, a Educação Social não era propriamente um ideário de militância nem uma questão de “vocaçãõ”. A Educação social surgiu como segunda opção, mas veio a transformar-se num projeto para si e para continuar a estudar no ensino superior, desfazendo uma dúvida que estava instalada:

A minha entrada no Ensino Superior ² não foi esperada pois não tinha a certeza se queria continuar a estudar, mas não deixei de entregar a minha candidatura. Quando recebi o telefonema a dizer que tinha entrado na licenciatura de Educação Social não queria acreditar. Por um lado, fiquei feliz; por outro, fiquei na dúvida porque tinha arranjado trabalho na área que queria, pois frequentara um curso técnico [...] de acompanhamento de crianças e jovens, o que me deu ferramentas para uma intervenção mais prática na área social. A minha primeira escolha para entrar numa licenciatura não era o curso de Educação Social, mas sim Educação Básica. Contudo, devido a escolhas pessoais, o meu caminho académico mudou de rumo [...]. Nesta minha candidatura não entrei na minha primeira opção e por isso acabei por ficar em Educação Social.

As identidades, tal como são pensadas contemporaneamente, não remetem para um bloco uniforme e homogéneo, quer se trate de uma pessoa, de um grupo ou de uma comunidade. As identidades “constituem formas sociais de construção das individualidades” (Dubar, 1991, p. 264). O indivíduo passa a ser visto como:

Um processo mutável, apanhado numa confusão de forças contraditórias. [...] É preciso, assim, continuar a compreender: o indivíduo enquanto processo e enquanto confusão de forças contraditórias. Durante uma socialização, o indivíduo não está num papel que lhe permaneceria exterior. Interioriza, realmente, esquemas de pensamento e de ação. [...]. (Kaufmann, 2003, p.243)

No caso da Maria, há um incidente crítico marcante (kaufmann, 2003; Josso, 2002; Vieira, 1999) para a adoção da Educação social como caminho a percorrer:

Durante o segundo ano deparei-me com uma situação mais uma colega quando estávamos a passear pela cidade de [...]. Encontrámos uma pessoa sem abrigo a tocar no meio da rua. Decidimos ir falar com ela. Reparámos que era estrangeiro e que só falava inglês, mas isso não foi um fator de impedimento para gerar uma boa conversa. Questionámos a razão de ele viver nas condições em que vivia e a resposta foi que não se adaptava ao sistema, à forma de como o país está estruturado [...]. Entretanto, perguntamos se já tinha ido a algum centro de ação social ou uma casa de acolhimento para as pessoas em situação de sem abrigo e a resposta foi que já tinha passado por uma em [...] e que fora maltratado. Então isso gerou um sentimento de desespero e desilusão pois eram os únicos locais que o podiam ajudar e não o trataram com o devido respeito.

A Narrativa da Maria não explora as transformações ocorridas nas representações sobre a profissão de Educador Social, mas evidencia bem a força de determinados incidentes como formativos e despoletadores de consciência crítica e motivação para a intervenção social e socioeducativa.

Na vida de cada sujeito há acontecimentos críticos, momentos que estimulam o pensamento, que fazem pensar duas e três vezes antes de escolher um caminho específico. (Vieira, p. 341)

Nestes momentos, os sujeitos ficam, por vezes, perdidos, tal é a dúvida que se instala ou, pelo contrário, extremamente motivados para empreender mudanças e acreditar nas transformações pessoais e sociais, bem como, na capacidade de cada cidadão para esse efeito e, no caso de Maria, para ver a profissão de educação social como potenciadora de mudanças para um acolhimento mais hospitaleiro e para uma integração mais plural e inclusiva.

2. Entre as dúvidas de prosseguimento de estudos, a Educação Social era um “mal menor” para a Joana

A Joana andava hesitante em continuar, ou não, os estudos no ensino superior.

Quando me candidatei à universidade estava um pouco hesitante, uma vez que queria fazer uma pausa de um ano para trabalhar e juntar algum dinheiro e pensar para que curso queria ir, visto que me sentia ainda um pouco insegura do que realmente queria para a minha vida futura. No entanto, e após algumas conversas

intensas com a minha mãe, [...] decidi, quase na data-limite das inscrições, concorrer à universidade. Após a tomada desta decisão veio a parte que considero mais difícil, a escolha do curso. Queria algo que gostasse e, sendo que trabalho, desde os 16 anos, com público, na área da restauração, decidi eleger o curso de educação social. [...] Na altura suscitou-me algum interesse, pelo conceito do social, associando, social a pessoas e a sociedade. E foi aí que pensei, “É este que vou escolher”. Na altura da inscrição, disse à minha mãe que [...] se conseguisse entrar, iria agarrar esta oportunidade com “unhas e dentes”, e se não conseguisse entrar, iria então fazer uma pausa de um ano para poder trabalhar e meter as minhas ideias no lugar.

Joana não sabia ao certo qual o conteúdo exato da profissão de educador social. Não sabia o que fazia, concretamente, um Educador Social. “Mas ninguém nasce ensinado não é verdade?” Passados três anos de formação no ensino superior, Joana refere que “percebo a importância enorme que o educador social tem na nossa sociedade, sendo que este é um profissional promotor de competências, que trabalha com o indivíduo com o objetivo de o (re)integrar na sociedade, educando o sujeito a aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e, principalmente, a aprender a ser”.

Joana afirma diversas vezes na sua auto-reflexão que a Educação Social, afinal de contas, deveria constituir uma aprendizagem para todos:

Ao longo destes últimos anos, sinto que mudei bastante não só comigo mesma, mas também para com as outras pessoas. A educação social faz-nos ter outro olhar perante a sociedade, outro olhar perante o mundo e, principalmente, perante o outro/próximo. Sinto que passei a respeitar mais as pessoas à minha volta, que aprendi a ouvir o outro antes de recorrer a qualquer tipo de julgamento, e isso é muito bom, faz-nos crescer muito enquanto pessoas. [...] considero que a educação social deveria ser uma disciplina dada a toda a nossa sociedade, mesmo que de forma breve, uma vez que acredito que esta mudaria muitas mentalidades e formas de ver determinados acontecimentos e atitudes.

Joana defende mesmo, como vimos, a inserção de uma disciplina de Educação Social no Ensino Básico e Secundário, o que de alguma forma corresponde ao que poderia ser feito na Educação para a Cidadania e, de forma transdisciplinar, na Formação Pessoal e Social determinada pela Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986.

3. Para a Isabel a entrada na educação social acabou por ser fruto de uma escolha quase aleatória

No caso da Isabel, o estágio que havia feito num curso de natureza profissionalizante, um CTeSP (Curso Técnico Superior Profissional) parece ter fornecido ingredientes

para encontrar uma porta de entrada na educação social como realização pessoal e profissional.

Quando integrei um curso profissional comecei a destacar-me porque gostava, os professores convidavam-me para participar em atividades de voluntariado, ligados à área do desporto e da gestão desportiva, que ainda hoje é uma área de que gosto muito. Nesse momento, a minha relação com a escola mudou, sentia-me muito motivada em poder aplicar aquilo que ia aprendendo ao longo do curso. Curiosamente, foi numa dessas atividades que senti o primeiro click para a Educação Social, apesar de não saber bem o que era isso. Fomos fazer uma atividade com pessoas com deficiência. Enquanto alguns participantes estavam a fazer canoagem, eu tinha que ficar com o restante grupo a fazer atividades improvisadas em terra. Efetivamente, senti que aquilo era o que gostava de fazer, que provavelmente tinha uma sensibilidade especial para públicos mais vulneráveis e que o meu caminho não passava pelos ginásios. Lembro-me perfeitamente, quando a atividade terminou, de dizer à minha amiga que esta atividade tinha sido especial para mim e que me sentira muito feliz a dinamizá-la.

A entrada de Isabel na licenciatura em Educação Social acabou por ser fruto de uma escolha quase aleatória, embora marcada pela ideia de que não gostaria, futuramente, de fazer uma vida profissional sentada numa secretária.

Era o último dia que tinha para me inscrever e não tinha muito tempo para pensar. Então, optei por seguir o meu instinto, mesmo sem saber no que me estava a meter, algo me disse que o caminho era aquele [...]. O facto é que fui aceite em duas licenciaturas e aí não tive dúvidas que era a Educação Social que preferia, mesmo sem saber o que era efetivamente.

Refletindo sobre a trajetória desses três anos de formação na Licenciatura em Educação Social, Isabel assume que algumas disciplinas do 1º ano foram decisivas na rutura com o senso comum sobre as pré-noções relativas à profissão de Educador Social e alimentaram a consciência da complexidade da profissão. Iniciou-se o trabalho pedagógico de rutura com a representação paliativa do trabalho social e a consciência de que a pedagogia social é apoiada numa mediação intercultural, como teoria e prática na intervenção socioeducativa, iniciavam-se muito antes do “final da linha”, muito antes do “rio chegar à foz com as águas poluídas” (Vieira, & Vieira, 2016, p.68):

No primeiro ano, especialmente nas aulas de Introdução às Ciências Sociais e de Introdução à Educação Social, comecei a ficar fascinada e a perceber realmente o

que era a Educação Social e a sua complexidade. Essas duas Unidades Curriculares romperam com o meu senso comum e fizeram-me chegar à conclusão que trabalhar com pessoas não é assim tão simples como eu pensava. Achava que ia encontrar uma solução para trabalhar e hoje sei que não há soluções, porque cada pessoa tem as suas particularidades e que não é por ser de determinado grupo étnico, por exemplo, que se tem de adotar determinado tipo de postura. Temos de adaptar-nos a todas as pessoas porque todas são diferentes e as diferenças não são só deficiências nem etnias. As pessoas são muito distintas.

Passados três anos sobre o início do curso, vimos assim como duas disciplinas constituem momentos significativos e de vivência de momentos e incidentes críticos geradores de reflexividade. Esses momentos são reconhecidos como formativos pois continuam bem presentes e marcantes quanto à rutura com o senso comum iniciada desde então, no tocante ao social como objeto de estudo e à intervenção socioeducativa como processo teórico prático que rompe com o existencialismo e busca a mediação intercultural através da escuta ativa e do ponto de vista do outro para a construção da sua própria autonomia e cidadania:

Antes reagia a quente e tinha uma solução para tudo muito rapidamente. Hoje ponho muitas coisas em cima da mesa e penso no impacto dessa decisão em mim, mas também no impacto que pode ter nos outros. Aprendi essencialmente a ouvir os outros e a considerá-los, e muitas vezes a mudar a minha opinião o que antes era muito difícil de acontecer. O que penso que me vai ajudar imenso não só a nível pessoal, mas também profissional, visto que irei trabalhar com diversos profissionais, com visões distintas sobre as coisas e que os meus olhos de educadora social, não são melhores que os do assistente social ou psicólogo, mas que os nossos olhos em conjunto terão um maior impacto e possivelmente mais positivo do que apenas os meus, daí a importância do trabalho multidisciplinar. [...] Dessas aulas saía sempre a pensar. Desconstruí muitos preconceitos que tinha na minha cabeça. [...] Recordo-me de nos intervalos, após essas aulas, muitas pessoas da turma estarem a debater o que tinha sido dito, umas com opiniões muito contrárias às que o professor dava e outras muito defensoras das teorias apresentadas nas aulas. [...] Recordo o seminário com o professor convidado [...], da Universidade de [...], num dos ciclos de conferências em Educação Social: a Educação Social é algo que se tem de sentir, é uma forma de vida e o diploma não nos faz educadores sociais, apenas nos certifica. Percebo que o Educador Social não é capaz de sair do seu trabalho e deixar de o ser, porque a Educação Social, mais que uma profissão é uma forma de estar na vida.

4. Da Administração Pública à paixão pela Educação Social, o caso da Mariana

Por vezes um incidente crítico introduz dúvidas, fomenta a reflexividade e estimula ao desenho de novos projetos com os quais os sujeitos se vêm a identificar:

[...] Aquando da minha inscrição no ensino superior, Educação Social não foi colocada como uma primeira opção. As minhas certezas quanto ao meu futuro profissional pairavam sob Administração Pública e Solicitadoria, a licenciatura em Educação Social foi a terceira opção. Não conhecia ninguém que trabalhasse na área, nem tão pouco sabia em que consistia, tinha apenas umas luzes, baseadas na descrição do curso na página da [...]. Após ter entrado na licenciatura em Educação Social e do choque que foi o facto de não ter ficado colocada nas minhas opções tão desejadas, decidi que ia experienciar a primeira semana de aulas [...]. Eis que tudo muda e instala-se a certeza, após a primeira semana de aulas [...], percebi que me identificava bastante com o curso, que era uma área apaixonante e que me via a trabalhar nesta área para o resto da minha vida, foi a certeza que precisava e perante tal, sem hesitações nem dúvidas, abracei Educação Social.

Aprendeu princípios básicos na Unidade Curricular X e foi ganhando uma consciência cada vez mais clara da identidade profissional da Educação Social:

Sabemos o limite das nossas funções e da nossa ação, e juntos, devemos agir cada um, em função da nossa responsabilidade, promovendo sempre o bem-estar e o crescimento social das pessoas. Trabalhamos com e para o outro. Como referido, quando entrei em Educação Social, pouco ou nada sabia sobre a profissão, tendo começado um processo de aquisição de competências e saberes da área. Somos profissionais de intervenção social, tendo como objetivos, restabelecer o bem-estar das pessoas. Somos mediadores entre os indivíduos e a comunidade[...]. Ser Educador Social requer que questionemos as práticas e que diariamente se realize uma reflexão sobre o nosso próprio papel profissional, é necessário pesquisar, ir mais além.

A sua reflexividade leva-a a escrever sobre aquelas que são as nossas próprias dúvidas enquanto investigadores: Como se constrói a identidade profissional de um educador social? Serão três anos de licenciatura suficientes? Investigadores e investigadores levam-nos a dizer que tal não é bastante. No caso da Mariana sempre buscou complementos de formação mesmo durante a férias:

A formação académica que temos, apesar da sua excelência, não é suficiente para compreender e posteriormente intervir, assim e com base nesta perceção, após o primeiro ano de licenciatura, decidi abraçar a oportunidade de realizar um Estágio

de Verão, estabelecendo voluntariamente um primeiro contacto com a vida ativa, durante as férias. Enquanto Educadores Sociais, somos profissionais da relação, trabalhamos em territórios de contacto e proximidade, perante isto, a minha formação só seria mais completa se eu começasse a experienciar a verdadeira aventura do trabalho de campo.

Parece ter bem consciência do conteúdo da expressão vulgarizada da Aprendizagem ao Longo da Vida, aqui aplicada à aprendizagem da Pedagogia Social como base fundamental à aprendizagem da profissão do Educador Social.

O Educador Social necessita de uma série de competências que se vão desenvolvendo ao longo do tempo, mudanças que ocorrem ao longo da formação, adquiridas com base num conjunto de saberes. Recordo a Professora [...] e outros tantos, quando menciono os três saberes, que me acompanham até hoje, o saber, o saber fazer e o saber ser e estar. O saber é aquele que adquirimos dentro da sala de aula, o ter conhecimento do trabalho que podemos desenvolver e do que é a nossa profissão. O saber fazer, ser e estar, adquirimo-lo no trabalho de campo, no território, o saber fazer passa pelo desempenho das nossas funções, nas estratégias que adotamos, importa aqui falar da observação, do quanto aprendemos a observar outros profissionais a executar a sua atividade. O saber ser e estar diz respeito à interação que nós adotamos, à relação humana e profissional.

Conclusões

Os depoimentos biográficos, analisados até ao momento, mostram as dúvidas que os licenciados em Educação Social tiveram aquando da entrada no ensino superior. Mostram, também, que após três anos de licenciatura, a definição de Educador Social continua vaga. Os sujeitos em estudo reconhecem professores marcantes na rutura com o seu senso comum sobre a intervenção socioeducativa e alguns incidentes críticos que levaram a que, ainda que com muitas dúvidas no final do curso, tenham hoje um posicionamento mais consolidado sobre o que é a profissão do educador social e as necessárias competências de mediação intercultural e intrapessoal para trabalhar com o outro na sua autotransformação e empoderamento.

Alguns testemunhos assinalam, mesmo, depois de muitas leituras e participação de diversas conferências no âmbito da Educação Social, que se mantém alguma imprecisão sobre os âmbitos da Educação Social enquanto profissão. Assumem que talvez a prática, embora não a separem da teoria, a vivenciar, quer no estágio, quer nos primeiros anos da profissão, venha a contribuir para uma melhor definição da identidade profissional do Educador Social.

As narrativas biográficas dos estudantes aqui apresentadas mostram aspetos mais idiossincráticos do que propriamente aspetos comuns a todos os sujeitos estudados. As questões que os investigadores lhes ofereceram para reflexividade rememorativa quer do passado, quer do presente próximo, são diversas, também porque a metodologia específica deste artigo, que responde a um projeto mais abrangente sobre a construção das identidades profissionais dos educadores sociais, como dissemos atrás, pretende aqui mais a redescoberta de cada um, sendo que as narrativas autobiográficas falam por si e não precisam de grande tradução do investigador: de onde vem a minha motivação e predisposição para a área? Quem eu era e como eu era no início do curso? Em quem me transformei durante e após o curso em termos pessoais e técnico-profissionais? O que mudou em mim com a formação em Educação Social?

A partir destas questões, geradoras de reflexividade, cada um dos sujeitos repensou-se e partilhou pontos de vista sobre motivações, predisposições, influências para o ingresso nos estudos de educação social bem como transformações ocorridas no self (Vieira, 2014).

Notas:

- ¹ O nome Maria, bem como o de Joana, Isabel e Mariana, que exploramos nos casos seguintes, são, por razões de sigilo e de proteção da identidade objetiva dos estudantes, fictícios.
- ² Por razões éticas, optamos por não referir o nome da instituição de ensino superior onde Maria ingressou.

Referências Bibliográficas

- Baptista, I. (2021). Inovação, Pedagogia Social e Desenvolvimento Humano. In A. M. Vieira, R. Vieira & J. C. Marques (Orgs.). *Temas e Contextos da Educação Social* (pp. 59-66). Afrontamento.
- Capul, M., & Lemay, M. (2003). *Da Educação à Intervenção Social*, Vol I e II. Porto Editora.
- Caride, J. A. (2005). *Las Fronteras de la Pedagogía Social. Perspectivas Científica e Histórica*. Gedisa Ed.
- Caride, J. A. (2021). Educación Social y Pedagogía Social: Aproximación a su estado de cuestión en España. In A. M. Vieira, R. Vieira & J. C. Marques (Orgs.). *Temas e Contextos da Educação Social* (pp. 67-86). Afrontamento.
- Carreras, J. S. & Molina, J. G. (2006). *Pedagogia Social, Pensar a Educação Social como Profissão*. Alianz Ed.
- Dubar, C. (1991). *La Socialization. Constructions des Identités Sociales et Professionnelles*. Armand Colin.
- Esteve, J. (1992). *O mal-Estar Docente*. Escher.
- Fustier, P. (1972). *L'Identité de L'Éducateur Spécialisé*. Editions Universitaire.
- Josso, M-C. (2002). *Experiências de Vida e Formação*. Educa_Formação.
- Kaufmann, J-C. (2003). *Ego: Para Uma Sociologia do Indivíduo*. Instituto Piaget.

- Lopes, A. (2001). *Professoras e identidade: um estudo sobre a identidade social de professoras portuguesas*. ASA.
- Nóvoa, A. (2002). "Prefácio". In M-C. Josso. *Experiências de Vida e Formação* (pp 7-12). Educa_ Formação.
- Nóvoa, A. (2008). Os professores e o "novo" espaço público da educação. In M. Tardif & C. Lessard (Orgs.). *O Ofício do Professor: História, Perspetivas e Desafios Internacionais* (pp. 2017-233). Vozes.
- Ortega, J. (2021). Prefácio. In A. M. Vieira, R. Vieira & J. C. Marques (Orgs.). *Temas e Contextos da Educação Social* (pp. 7-12). Afrontamento,
- Vieira, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Profedições.
- Vieira, A. M., & Vieira, R. (2016). *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações*. Profedições.
- Vieira, A. M., Vieira, R., & Marques, J.C. (Orgs). (2021). *Temas e Contextos da Educação Social*. Afrontamento.
- Vieira, R. (1999). *Histórias de Vida e Identidades, Professores e Interculturalidade*. Afrontamento.
- Vieira, A. (2012). Pedagogia Social nas escolas: um olhar sobre a Mediação e Educação Social. *Cadernos de Pedagogia Social*, 4, 9-26.

Ana Maria Vieira

Professora Coordenadora da ESECS.IPLeiria e CICS.NOVA.IPLeiria

Email: ana.vieira@ipleiria.pt

<https://orcid.org/0000-0002-3976-6359>

Ricardo Vieira

Professor Coordenador Principal da ESECS.IPL e CICS.NOVA.IPLeiria

Email: ricardo.vieira@ipleiria.pt

<https://orcid.org/0000-0003-1529-1296>

Correspondência

Ana Maria Vieira

ana.vieira@ipleiria.pt

Escola Superior Educação
e Ciências Sociais, Campus 1

Rua Dr. João Soares

Apartado 4045

2411-901 Leiria – Portugal

Fecha de recepción: octubre de 2022

Fecha de evaluación: enero de 2023

Fecha de publicación: agosto de 2023